

## Qual o impacto dos tablets nas universidades?

Ainda não há no Brasil uma universidade que tenha inserido smartphones na sala de aula e feito deles recursos para o dia a dia das atividades ou projetado o uso dos mesmos por longos quatro/cinco anos, tempo médio de duração de cursos de graduação no país. Já com os tablets, a história é outra. 

[Siga a SECT no Twitter!](#)

As pranchetas digitais estão **adentrando com facilidade as escolas** e até substituindo, em algumas delas, os computadores das salas de informática. Mas é nas universidades, com mudanças estruturais que envolvem a substituição de livros-texto pelos aparelhos e a formação de equipes para lidar com a mobilidade, que se nota a maior aceitação dos tablets. E isso tem tudo a ver o custo. Mais exatamente com a redução dele.

Duas universidades de grande porte que trabalham com sistema de educação a distância e presencial, Estácio de Sá e UniSEB, aderiram aos tablets neste ano. A primeira anunciou a distribuição de 6.000 unidades e tem a expectativa de, nos próximos cinco anos, fazer com que todos os seus alunos, em 17 estados e 36 cidades, tenham o recurso. Já a UniSEB finalizará este segundo semestre com 15 mil tablets distribuídos entre discentes. Diretor-executivo da Estácio, Pedro Garça, foi enfático em entrevista ao Instituto Claro: “Não é um ganho, é uma revolução.”

Garça explica que ao longo dos anos a universidade percebeu que os alunos precisavam receber um livro-texto com os conteúdos das aulas ou terem acesso aos mesmos em ambientes online, caso contrário, muitos estudantes ficavam sem as leituras consideradas obrigatórias para os cursos, e o rendimento, naturalmente, caía.

Desde esta constatação, o material impresso é enviado para a casa dos alunos, dinâmica que se repete semestralmente atrelada à atualização constante da plataforma virtual de aprendizagem, onde há simulados, jogos e biblioteca virtual. Agora, com os tablets, adeus impressões e gastos com a logística necessária para o envio do material aos alunos. O estudante recebe um tablet na matrícula e tudo passa a ser uma questão de atualização de aplicativos. Por ora, a conta ainda não fecha. O investimento para iniciar a migração do impresso para o digital foi alta, mas assim como Jeferson Fagundes, o pró-reitor da UniSEB Interativo, Garça enxerga redução de custo a médio prazo. “O nosso investimento é de R\$ 15

milhões neste projeto, mas acredito que em dois anos a gente já consiga ter o retorno, e a esta altura já teremos cerca de 50 mil tablets”, calcula Fagundes.

Na Estácio, a economia é divulgada no número de impressões. Anualmente, apenas com estes primeiros 6.000 tablets, seis milhões de páginas deixarão de ser impressas. Em cinco anos, a estimativa é que, com a evolução do projeto, o número chegue 240 milhões.

## A evolução

Para não ser apenas uma versão virtual de um livro, as universidades precisaram investir em equipe e em treinamento. Tanto na Estácio quanto na UniSEB, os professores receberam formação, e equipes multidisciplinares foram constituídas. “Hoje, dentro da universidade, além dos professores especializados em educação a distância, temos comunicólogos especialistas em mídias digitais, webdesigners e engenheiros de software”, conta Fagundes.

Na Estácio de Sá, a preocupação de oferecer acesso ilimitado à web enquanto os alunos estiverem no campus levou a uma parceria com a Claro para a disponibilização de estrutura 3G em todo o Campus do Rio de Janeiro. “Não estamos entregando apenas um tablet, mas nosso modelo de ensino, que preza por essa conectividade e pela possibilidade de o aluno ter acesso a conteúdos e poder compartilhá-lo”, afirma Pedro Garça.

**Efeito “made in Brazil”** Se os tablets já estão se espalhando pelas instituições de ensino mesmo sem qualquer política pública para isso ou sem incentivos fiscais para os que os importam com fins pedagógicos, a partir de dezembro eles devem ser vistos ainda com maior facilidade nas salas de aula. A primeira fábrica de iPads fora da China começa a operar no fim do ano, em São Paulo. A redução no preço das pranchetas digitais pode chegar a 40%. Além disso, o governo pretende distribuir tablets para escolas públicas a partir do próximo ano, como afirmou o ministro da Educação Fernando Haddad neste mês, na Bienal do Rio. Na ocasião, ele destacou que o MEC é um incentivador do uso das tecnologias na educação, pois reconhece que é fundamental preparar os alunos para esta sociedade digital, e citou dois portais representativos dessa linha de atuação: o Portal do Professor ([linkar](#)) e o Portal Domínio Público ([linkar](#)). O primeiro conta com 13 mil objetos educacionais digitais, disponíveis para serem utilizados por educadores em qualquer cidade brasileira. Em [reportagens anteriores](#), suas possibilidades podem ser vistas.

Fonte: [Instituto Claro](#), por **Giuliana Bianconi**

